

A SEGUNDA
GUERRA MUNDIAL

ANTONY BEEVOR

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Tradução de
Fernanda Oliveira



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2012

Introdução

Em junho de 1944, um jovem soldado asiático rendeu-se a militares paraquedistas americanos durante a invasão da Normandia pelos Aliados. A princípio, os seus captores pensaram que era japonês, mas, na verdade, era coreano. Chamava-se Yang Kyoungjong.

Em 1938, aos dezoito anos, Kyoungjong tinha sido recrutado à força pelos japoneses para o Exército de Cantão, na Manchúria. Um ano mais tarde, foi capturado pelo Exército Vermelho depois da Batalha de Khalkhin Gol e enviado para um campo de trabalhos forçados. Em 1942, num momento de crise, as autoridades militares soviéticas recrutaram-no para as suas forças, juntamente com outros milhares de prisioneiros. Depois, no início de 1943, foi feito prisioneiro pelo exército alemão, na Batalha de Carcóvia, na Ucrânia. Em 1944, envergonhado agora o uniforme alemão, foi enviado para França para prestar serviço num *Ostbataillon*, que alegadamente reforçava a Muralha do Atlântico no interior da base da península de Cotentin, contígua à praia de Utah. Depois de algum tempo num campo de prisioneiros na Grã-Bretanha, foi para os Estados Unidos, onde não disse nada sobre o seu passado. Instalou-se lá e acabou por morrer no Illinois, em 1992.

Numa guerra que matou mais de sessenta milhões de pessoas e que se estendeu a todo o globo, este veterano relutante dos exércitos japonês, soviético e alemão tinha sido relativamente feliz. Porém, Yang talvez continue a ser a ilustração mais dramática da impotência da maior parte dos vulgares mortais face àquilo que pareciam ser forças históricas avassaladoras.

A Europa não entrou em guerra a 1 de setembro de 1939. Alguns historiadores falam de uma «guerra de trinta anos», de 1914 a 1945, em que a Primeira Guerra Mundial figura como «a catástrofe original». Outros afirmam que a «guerra longa», que começou com o golpe de estado bolchevique de 1917, continuou como uma «Guerra Civil Europeia» até 1945, ou que perdurou mesmo até à queda do comunismo, em 1989.

A História, contudo, nunca é assim tão bem ordenada. Sir Michael Howard argumenta de forma persuasiva que a investida de Hitler no ocidente contra a França e a Grã-Bretanha, em 1940, foi em muitos aspetos uma extensão da Primeira Guerra Mundial. Gerhard Weinberg também insiste que a guerra que começou com a invasão da Polónia, em 1939, foi o início da campanha de Hitler pelo *Lebensraum* (espaço vital) no leste, o seu objetivo fundamental. Isto é realmente verdade, mas as revoluções e guerras civis entre 1917 e 1939 vão seguramente complicar o padrão. Por exemplo, a esquerda sempre acreditou apaixonadamente que a Guerra Civil Espanhola marcou o início da Segunda Guerra Mundial, ao passo que a direita afirma que ela representou a ronda inaugural de uma Terceira Guerra Mundial entre o comunismo e a «civilização ocidental». Ao mesmo tempo, os historiadores ocidentais têm normalmente descurado a Guerra Sino-Japonesa de 1937 a 1945 e a forma como se fundiu na guerra mundial. Por outro lado, alguns historiadores asiáticos sustentam que a Segunda Guerra Mundial começou em 1931 com a invasão japonesa da Manchúria.

Os argumentos sobre o tema podem prolongar-se indefinidamente, mas a Segunda Guerra Mundial foi claramente uma amálgama de conflitos. A maioria opôs nação contra nação, mas a guerra civil internacional entre esquerda e direita permeou e chegou mesmo a dominar muitos deles. Por conseguinte, é importante recuar e analisar algumas das circunstâncias que levaram ao conflito mais cruel e destrutivo que o mundo alguma vez conheceu.

Os terríveis efeitos da Primeira Guerra Mundial tinham deixado a França e a Grã-Bretanha, as principais nações europeias vitoriosas, esgotadas e decididas a não repetir a experiência a todo o custo. Os americanos, depois do seu contributo vital para a derrota da Alemanha imperial, queriam lavar as mãos daquilo que viam como um Velho

Mundo corrupto e imoral. A Europa Central, fragmentada por novas fronteiras traçadas em Versalhes, enfrentava a humilhação e a penúria da derrota. Com o orgulho desfeito, os oficiais do exército austro-húngaro *Kaiserlich und Königlich* viviam uma inversão da história da Cinderela, com os uniformes de contos de fadas substituídos pela roupa coçada dos desempregados. A amargura da maior parte dos oficiais e soldados alemães pela sua derrota era intensificada pelo facto de os seus exércitos terem sido imbatíveis até julho de 1918, e isso fazia o súbito colapso em território nacional parecer ainda mais inexplicável e sinistro. Na sua opinião, os motins e revoltas na Alemanha durante o outono de 1918, que precipitaram a abdicação do Kaiser, tinham sido inteiramente provocados por judeus bolcheviques. Na verdade, os agitadores de esquerda tinham tido o seu papel e os líderes revolucionários alemães mais importantes em 1918-1919 tinham sido judeus, mas as principais causas por detrás da agitação tinham sido o cansaço da guerra e a fome. A perniciosa teoria da conspiração avançada pela direita alemã — a «lenda da punhalada nas costas» — fazia parte da sua compulsão intrínseca para confundir causa e efeito.

A hiperinflação de 1923-4 minou simultaneamente as certezas e a integridade de carácter da burguesia germânica. A amargura da vergonha nacional e pessoal produziu uma raiva incoerente. Os nacionalistas alemães sonhavam com o dia em que a humilhação do *Diktat* de Versalhes pudesse ser invertida. Convenceram-se de que os seus exércitos não tinham sido derrotados no campo de batalha. A vida melhorou na Alemanha durante a década de 1920, sobretudo devido a empréstimos americanos avultados. Mas a depressão mundial, que começou depois do *crash* da Bolsa de Wall Street, atingiu a Alemanha ainda com mais força assim que a Grã-Bretanha e outros países abandonaram o padrão-ouro em setembro de 1931. O receio de outro surto de hiperinflação persuadiu o governo do chanceler Brüning a manter a ligação do Reichsmark ao preço do ouro, sobrevalorizando-o. Os empréstimos americanos tinham parado e o protecionismo cerceara os mercados de exportação da Alemanha. Isto levou ao desemprego em massa, o que aumentou drasticamente a oportunidade para os demagogos prometerem soluções radicais.

A crise do capitalismo tinha acelerado a crise da democracia liberal, que foi tornada ineficaz em muitos países europeus pela fragmentação da representação proporcional. A maior parte dos sistemas parlamentares, que tinham surgido na sequência do colapso de três

impérios continentais em 1918, foi varrida, incapaz de fazer frente à luta civil. E as minorias étnicas, que tinham vivido de forma relativamente pacífica sob os antigos regimes imperiais, eram agora ameaçadas por doutrinas de pureza nacional.

Memórias recentes da Revolução Russa e a violenta destruição de outras guerras civis na Hungria, Finlândia, Estados do Báltico e, na verdade, na própria Alemanha aumentaram imenso o processo de polarização política. O ciclo de medo e ódio corria o risco de transformar retórica inflamada em profecia autorrealizada, como os acontecimentos em Espanha não tardaram a mostrar. Alternativas maniqueístas estão destinadas a romper um centrismo democrático baseado no compromisso. Nesta nova era coletivista, as soluções violentas pareciam extremamente heroicas aos intelectuais, tanto de esquerda como de direita, assim como aos ex-soldados amargurados da Primeira Guerra Mundial. Face ao desastre financeiro, o estado autoritário parecia ser subitamente a ordem moderna natural na maior parte da Europa e uma resposta ao caos da luta de facções.

Em setembro de 1930, a percentagem de votos do Partido Nacional Socialista passou de 2,5% para 18,3%. A direita conservadora na Alemanha, que tinha pouco respeito pela democracia, destruiu eficazmente a República de Weimar, abrindo assim a porta a Hitler. Subestimando gravemente a desumanidade de Hitler, pensaram que podiam usá-lo como fantoche populista para defender a sua ideia de Alemanha. Mas ele sabia exatamente o que queria, ao passo que eles não. A 30 de janeiro de 1933, Hitler tornou-se chanceler e avançou rapidamente para eliminar toda e qualquer potencial oposição.

A tragédia para as subsequentes vítimas da Alemanha foi que uma massa crítica da população, desesperada por ordem e respeito, estava ansiosa por seguir o criminoso mais impiedoso que o mundo alguma vez viu. Hitler conseguiu apelar aos seus piores instintos: ressentimento, intolerância, arrogância e, o mais perigoso de todos, ao sentimento de superioridade racial. Qualquer crença que restasse num *Rechtsstaat*, uma nação baseada no respeito pelo Estado de direito, desmoronou-se perante a insistência de Hitler em que o sistema judicial devia servir a nova ordem. As instituições públicas — os tribunais, as universidades, os militares e a imprensa — prosternaram-se diante do novo regime. Impotentes, os opositores encontraram-se isolados e foram insultados como traidores à nova definição da pátria não só pelo próprio

regime, mas também por todos aqueles que o apoiavam. A Gestapo, ao contrário da NKVD de Estaline, era surpreendentemente ociosa. A maior parte das detenções que fazia era simplesmente em resposta a denúncias de pessoas efetuadas pelos seus concidadãos.

A classe dos oficiais, que se orgulhara de uma tradição apolítica, também se deixou cortejar com a promessa de forças redobradas e de rearmamento maciço, embora desprezasse um pretendente tão vulgar e mal vestido. O oportunismo andava de mãos dadas com a cobardia face à autoridade. O próprio chanceler oitocentista Otto von Bismarck observou, uma vez, que a coragem moral era uma virtude rara na Alemanha, mas que abandonava completamente qualquer alemão assim que este envergava um uniforme. Assim, não era de estranhar que os nazis quisessem vestir um uniforme a quase toda a gente, incluindo às crianças.

O maior talento de Hitler residia em detetar e explorar a fraqueza dos seus opositores. A esquerda na Alemanha, amargamente dividida entre o Partido Comunista Alemão e os Sociais-Democratas, não representava qualquer ameaça real. Ele manobrou facilmente os conservadores que pensavam, com uma arrogância ingénua, que podiam controlá-lo. Assim que Hitler consolidou o seu poder a nível nacional com decretos radicais e detenções em massa, a sua atenção centrou-se em quebrar o Tratado de Versalhes. O recrutamento militar foi reintroduzido em 1935, os britânicos concordaram com um reforço da marinha alemã e a Luftwaffe foi criada abertamente. A Grã-Bretanha e a França não fizeram qualquer protesto sério face ao acelerado programa de rearmamento.

Em março de 1936, tropas alemãs reocuparam a Renânia, na primeira violação manifesta dos tratados de Versalhes e Locarno. Esta bofetada na cara aos franceses, que tinham ocupado a região há mais de uma década, assegurou a adulação generalizada do Führer na Alemanha, mesmo entre muitos daqueles que não tinham votado nele. O seu apoio e a fraca reação anglo-francesa deram a Hitler o sangue-frio para continuar o seu rumo. Sozinho, Hitler tinha restaurado o orgulho alemão, enquanto o rearmamento, muito mais do que o programa de obras públicas de que tanto se vangloriava, parara o aumento do desemprego. A brutalidade dos nazis e a perda de liberdade pareciam à maior parte dos alemães um pequeno preço a pagar.

A poderosa sedução do povo alemão por parte de Hitler começou gradualmente a despir o país de valores humanos. Em parte alguma

isso foi mais evidente do que na perseguição dos judeus, que progrediu aos arrancos. Todavia, contrariamente à crença generalizada, muitas vezes isto vinha mais do seio do partido nazi do que do seu líder. A retórica apocalíptica de Hitler contra os judeus não significava necessariamente que ele já se tivesse decidido pela «Solução Final» de aniquilação física. Ele contentava-se em permitir que as tropas de assalto das SA (Sturmabteilung) atacassem judeus e os seus negócios e roubassem os seus bens, para satisfazer uma mistura incoerente de ganância, inveja e ressentimento imaginado. Nessa fase, a política nazi visava tirar aos judeus os direitos civis e tudo aquilo que possuíam e, depois, através da humilhação e do assédio, forçá-los a deixar a Alemanha. «Os judeus devem sair da Alemanha, sim, sair de toda a Europa», disse ele a Goebbels a 30 de novembro de 1937. «Isso ainda vai levar algum tempo, mas acontecerá e tem de acontecer.»

O programa de Hitler para fazer da Alemanha a potência dominante na Europa tinha sido deixado muito claro em *Mein Kampf*, um misto de autobiografia e manifesto político publicado pela primeira vez em 1925. Primeiro, iria unir a Alemanha e a Áustria; depois, levaria os alemães para fora das fronteiras do Reich novamente sob o seu controlo. «Pessoas do mesmo sangue devem estar no mesmo Reich», declarou. Só quando isso fosse alcançado é que o povo alemão teria o «direito moral» de «adquirir território estrangeiro. O arado será então a espada; e as lágrimas da guerra irão produzir o pão de cada dia para as gerações vindouras».

A sua política de agressão era enunciada claramente logo na primeira página. Contudo, muito embora todos os casais alemães tivessem de comprar um exemplar por altura do casamento, poucos parecem ter levado a sério as suas previsões belicosas. Preferiam acreditar nas suas declarações mais recentes, repetidas vezes sem conta, de que não desejava a guerra. E os golpes audaciosos de Hitler perante a fraqueza dos britânicos e dos franceses confirmavam as suas esperanças de que ele conseguia tudo o que queria sem grandes conflitos. Eles não viam que a agitada economia alemã e a determinação de Hitler em fazer uso da vantagem do país em termos de armamento tornavam a invasão dos países vizinhos praticamente uma certeza.

Hitler não estava meramente interessado em reocupar o território perdido pela Alemanha depois do Tratado de Versalhes. Desprezava um passo tão pouco empenhado. Ele fervilhava de impaciência, convencido de que não viveria tempo suficiente para realizar o seu sonho

de supremacia germânica. Queria toda a Europa Central e toda a Rússia até ao Volga para o *Lebensraum* alemão, a fim de garantir a autossuficiência da Alemanha e o seu estatuto de grande potência. O sonho de subjugar territórios orientais tinha sido grandemente encorajado pela breve ocupação alemã, em 1918, dos Estados Bálticos, parte da Bielorrússia, Ucrânia e sul da Rússia, até Rostov-on-Don. Isto seguiu-se ao Tratado de Brest-Litovsk, o próprio *Diktat* da Alemanha ao regime soviético emergente. O «cesto do pão» da Ucrânia atraía particularmente o interesse alemão depois da quase inanição provocada pelo bloqueio britânico durante a Primeira Guerra Mundial. Hitler estava decidido a evitar a desmoralização sofrida pelos alemães em 1918, que levou à revolução e ao colapso. Desta vez, seriam outros a passar fome. Mas um dos principais objetivos do seu plano *Lebensraum* era apropriar-se da produção de petróleo no Leste. Era necessário importar cerca de 85% do abastecimento de petróleo do Reich, mesmo em tempo de paz, e isso seria o calcanhar de Aquiles da Alemanha em guerra.

As colónias orientais pareciam a melhor maneira de garantir a autossuficiência, contudo a ambição de Hitler era muito maior do que a de outros nacionalistas. Em linha com a sua convicção social-darwinista de que a vida das nações era uma luta pela superioridade racial, ele queria reduzir drasticamente a população eslava através da inanição deliberada e escravizar os sobreviventes como uma classe de hilotas.

A sua decisão de intervir na Guerra Civil Espanhola no verão de 1936 não foi tão oportunista como tem sido frequentemente descrito. Ele estava convencido de que uma Espanha bolchevique, combinada com um governo de esquerda em França, representava uma ameaça estratégica para a Alemanha a ocidente, quando se confrontava a leste com a União Soviética de Estaline. Mais uma vez, conseguiu explorar a aversão que as democracias tinham à guerra. Os britânicos receavam que o conflito em Espanha pudesse produzir «outra Sarajevo», enquanto o novo governo da Frente Popular em França tinha receio de agir sozinho. Isto permitiu o flagrante apoio militar da Alemanha aos nacionalistas de Franco para lhes assegurar a derradeira vitória, ao mesmo tempo que a Luftwaffe de Göring experimentava os seus novos aviões e táticas. A Guerra Civil Espanhola também aproximou Hitler e Mussolini, com o governo fascista italiano a enviar um corpo de «voluntários» para combater ao lado dos nacionalistas. Mas

Mussolini, apesar do seu estilo bombástico e de todas as suas ambições no Mediterrâneo, estava nervoso com a determinação de Hitler em derrubar o *statu quo*. O povo italiano não estava pronto, nem em termos militares nem psicológicos, para uma guerra europeia.

Desejoso de obter outro aliado na guerra iminente com a União Soviética, Hitler firmou um Pacto Anti-Komintern com o Japão, em novembro de 1936. O Japão tinha começado a sua expansão colonial no Extremo Oriente durante a última década do século XIX. Aproveitando o declínio do regime imperial chinês, o Japão marcou presença na Manchúria, tomou Taiwan e ocupou a Coreia. O facto de ter derrotado a Rússia czarista na guerra de 1904-5 fazia dele a maior potência militar da região. O sentimento antiocidental cresceu no Japão com os efeitos do *crash* da Bolsa de Nova Iorque e com a depressão mundial. E uma classe de oficiais cada vez mais nacionalistas via a Coreia, a Manchúria e a China de forma semelhante aos desígnios que os nazis acalentavam em relação à União Soviética: uma massa terrestre e uma população a subjugar para alimentar o arquipélago japonês.

O conflito sino-japonês tem sido desde sempre uma peça em falta no *puzzle* da Segunda Guerra Mundial. Tendo começado muito antes do início das hostilidades na Europa, o conflito na China tem sido tratado frequentemente como uma questão completamente separada, embora tivesse passado pelo maior desdobramento de forças terrestres japonesas no Extremo Oriente, assim como pelo envolvimento simultâneo dos americanos e da União Soviética.

Em setembro de 1931, os militares japoneses criaram o Incidente de Mukden, em que sabotaram uma ferrovia para justificar a tomada de toda a Manchúria. Esperavam transformar a região numa importante área de produção alimentar, uma vez que a agricultura nacional tinha decrescido de forma desastrosa. Chamaram-lhe Manchukuo e empossaram um regime fantoche, com o imperador deposto, Henry Pu Yi, como testa de ferro. O governo civil em Tóquio, embora desprezado pelos oficiais, sentiu-se obrigado a apoiar o exército. E a Liga das Nações em Genebra recusou os pedidos chineses de sanções contra o Japão. Colonos japoneses, sobretudo camponeses, afluíram em massa para se apropriarem das terras, encorajados pelo governo. Este

pretendia ver «um milhão de famílias» instaladas como agricultores coloniais ao longo dos próximos vinte anos. As ações do Japão deixaram-no isolado em termos diplomáticos, mas o país exultou com o seu triunfo. Isto marcou o início de uma progressão funesta, tanto na expansão externa como na influência militar sobre o governo em Tóquio.

Uma administração mais beligerante assumiu funções e o Exército de Cantão na Manchúria estendeu o seu controlo quase até às portas de Pequim. O governo do Kuomintang de Chiang Kai-shek, em Nanquim, foi obrigado a retirar as suas forças. Chiang dizia-se herdeiro de Sun Yat-sen, que quisera introduzir uma democracia ao estilo ocidental, mas na realidade era um generalíssimo dos chefes militares.

Os militares japoneses começaram a espiar o seu vizinho soviético, a norte, e a olhar de relance para o Pacífico, a sul. Os seus alvos exteriores eram as colónias da Grã-Bretanha, França e Holanda no Extremo Oriente, com as jazidas petrolíferas das Índias Neerlandesas. O impasse inquietante na China foi depois subitamente quebrado, a 7 de julho de 1937, por uma provocação dos japoneses na ponte Marco Polo, nos arredores de Pequim. O Exército Imperial em Tóquio assegurou ao imperador Hirohito que a China podia ser derrotada em poucos meses. Foram enviados reforços para o continente e seguiu-se uma campanha horrenda, desencadeada em parte por um massacre de civis japoneses levado a cabo pelos chineses. O Exército Imperial ficou descontrolado. Mas a guerra sino-japonesa não terminou num rápido triunfo, como os generais em Tóquio haviam predito. A violência aterradora do atacante estimulou uma resistência feroz. Hitler não aproveitou a lição para o ataque que ele próprio empreenderia contra a União Soviética quatro anos mais tarde.

Alguns ocidentais começaram a ver a Guerra Sino-Japonesa como uma réplica da Guerra Civil Espanhola. Robert Capa, Ernest Hemingway, W. H. Auden e Christopher Isherwood, o cineasta Joris Ivens e muitos jornalistas, todos eles visitaram o país e expressaram a sua simpatia e apoio aos chineses em geral. Os esquerdistas, alguns dos quais visitaram a sede do Partido Comunista Chinês, em Yenan, apoiavam Mao Tsé-tung, embora Estaline estivesse com Chiang Kai-shek e com o Kuomintang. Mas nem o governo britânico nem o americano estavam preparados para efetuar diligências práticas.

O governo de Neville Chamberlain, tal como a maior parte da população britânica, ainda estava preparado para viver com uma Alemanha rearmada e revitalizada. Muitos conservadores viam os nazis como um baluarte contra o bolchevismo. Chamberlain, antigo presidente da Câmara de Birmingham e homem de uma retidão à moda antiga, cometeu o grande erro de esperar que outros estadistas partilhassem valores semelhantes e o horror pela guerra. Com o seu colarinho de bico, o bigode eduardiano e o guarda-chuva muito bem enrolado, revelou-se totalmente incompetente quando confrontado com a crueldade gritante do regime nazi.

Outros, mesmo os simpatizantes de esquerda, também tinham relutância em confrontar o regime de Hitler, pois ainda estavam convencidos de que a Alemanha tinha sido tratada muito injustamente na Conferência de Versalhes. Também achavam difícil opor-se ao desejo confesso de Hitler de trazer minorias alemãs vizinhas, como as dos sudetas checoslovacos, para o Reich. Acima de tudo, os britânicos e os franceses estavam horrorizados com a ideia de outra guerra na Europa. Permitir que a Alemanha nazi anexasse a Áustria, em março de 1938, parecia um pequeno preço a pagar pela paz mundial, sobretudo quando a maioria dos austríacos tinha votado em 1918 a favor do *Anschluss*, ou união, com a Alemanha e aceitado bem, vinte anos mais tarde, a tomada do poder pelos nazis. As reivindicações austríacas no final da guerra relativamente a terem sido a primeira vítima de Hitler eram completamente falsas.

Depois, Hitler decidiu que queria invadir a Checoslováquia em outubro. Isto estava programado para ocorrer depois de os agricultores alemães terem feito as colheitas, porque os ministros nazis receavam uma crise no abastecimento alimentar nacional. Mas, para exasperação de Hitler, Chamberlain e o seu homólogo francês Édouard Daladier, durante as negociações de Munique em setembro, deram-lhe os Sudetas na esperança de preservar a paz. Isto privou Hitler da sua guerra, mas acabou por lhe permitir apossar-se de todo o país sem luta. Chamberlain também cometeu um erro crasso ao recusar consultar Estaline. Isto teve influência na decisão tomada pelo ditador soviético em agosto do ano seguinte de concordar com um pacto com a Alemanha nazi. Chamberlain, à semelhança do que aconteceu mais tarde com Franklin D. Roosevelt e Estaline, acreditava com uma complacência

despropositada que só ele conseguiria convencer Hitler de que as boas relações com os Aliados ocidentais eram no seu próprio interesse.

Alguns historiadores têm defendido que, se a Grã-Bretanha e a França estivessem preparadas para combater no outono de 1938, os acontecimentos podiam ter tido um resultado muito diferente. Isso é certamente possível de um ponto de vista germânico. Contudo, subsiste o facto de que nem o povo britânico nem o francês estavam psicologicamente preparados para a guerra, sobretudo porque tinham sido mal informados pelos políticos, pelos diplomatas e pela imprensa. Qualquer um que tivesse tentado advertir contra os planos de Hitler, como Winston Churchill, era considerado simplesmente como um belicista.

Só em novembro é que os olhos se abriram para a verdadeira natureza do regime de Hitler. Na sequência do assassinato de um oficial da embaixada alemã em Paris por um jovem judeu polaco, as tropas de assalto nazis puseram em marcha o *pogrom* alemão conhecido como *Kristallnacht*, devido à quantidade de montras partidas. Com as nuvens de guerra a pairar sobre a Checoslováquia nesse outono, tinha-se produzido uma «energia violenta» no seio do Partido Nazi. As tropas de assalto das SA queimaram sinagogas, atacaram e assassinaram judeus, e estilhaçaram as suas montras, levando Göring a queixar-se do custo em divisas para substituir todo o vidro de qualidade superior vindo da Bélgica. Muitos alemães comuns ficaram chocados, mas a política nazi de isolar os judeus depressa conseguiu persuadir a grande maioria dos seus concidadãos a ficarem indiferentes ao seu destino. E muitos não tardaram a deixar-se tentar pelo lucro fácil dos bens saqueados e dos apartamentos expropriados e pela «arianização» dos negócios judaicos. Os nazis eram exceccionalmente inteligentes na forma como atraíam cada vez mais concidadãos para o seu círculo criminoso.

Quando Hitler tomou o resto da Checoslováquia, em março de 1939 — uma contravenção flagrante ao Acordo de Munique —, ficou finalmente provado que a sua pretensão de trazer os alemães étnicos de volta ao Reich não passava de um pretexto para aumentar o seu território. Isto obrigou Chamberlain a oferecer garantias à Polónia como aviso a Hitler contra uma futura expansão.

Hitler queixou-se mais tarde de que tinha sido impedido de travar uma guerra em 1938 porque «os britânicos e os franceses aceitaram todas as minhas exigências em Munique». Na primavera de 1939, explicou

a sua impaciência ao ministro dos Negócios Estrangeiros romeno: «Tenho agora cinquenta anos», disse ele. «Prefiro fazer a guerra agora do que quando tiver cinquenta e cinco ou sessenta.»

Hitler revelou, assim, que pretendia alcançar o objetivo de dominar a Europa durante o tempo de uma única vida, que esperava curta. Com a sua vaidade obsessiva, não conseguia confiar em mais ninguém para levar a cabo a sua missão. Considerava-se literalmente insubstituível e disse aos seus generais que o destino do Reich dependia apenas dele. O Partido Nazi e a sua forma de governação caótica nunca foram concebidos para produzir estabilidade e continuidade. E a retórica de Hitler do «Reich dos mil anos» revelava uma importante contradição psicológica, vinda, como vinha, de um solteiro inveterado que tinha um orgulho perverso em ser um beco sem saída genético, ao mesmo tempo que nutria um fascínio doentio pelo suicídio.

A 30 de janeiro de 1939, o sexto aniversário da sua ascensão ao poder, Hitler fez um importante discurso ao Reichstag. Incluiu nele a sua «profecia» fatal, que ele e os seus seguidores na Solução Final haveriam de repisar compulsivamente. Afirmava que os judeus se tinham rido quando predissera que haveria de governar a Alemanha e «também conduzir o problema judaico à sua solução». Na altura, disse: «Quero hoje voltar a ser profeta: se a judiaria internacional dentro e fora da Europa tiver êxito em mergulhar as nações uma vez mais numa guerra mundial, o resultado não será a bolchevização da terra e, por conseguinte, a vitória dos judeus, mas a aniquilação da raça judaica na Europa.» Esta assombrosa confusão de causa e efeito estava no centro da rede obsessiva de mentiras e autoilusão de Hitler.

Embora Hitler se tivesse preparado para a guerra e tivesse querido a guerra com a Checoslováquia, ainda assim não conseguia compreender por que razão a atitude britânica tinha agora mudado tão repentinamente da conciliação para a resistência. Mantinha a intenção de atacar a França e a Grã-Bretanha mais tarde, mas isso havia de ser na altura que ele próprio escolhesse. O plano nazi, seguindo a lição amarga da Primeira Guerra Mundial, esperava compartimentar os conflitos para evitar combater em mais de uma frente ao mesmo tempo.

A surpresa de Hitler perante a reação britânica revelava um entendimento muito imperfeito da história mundial por parte deste autodidata. O padrão do envolvimento da Grã-Bretanha em quase todas as

crises europeias desde o século XVIII devia ter explicado a nova política do governo de Chamberlain. A mudança não tinha nada que ver com ideologia ou idealismo. A Grã-Bretanha não estava a preparar-se para tomar posição contra o fascismo ou o antisemitismo, mesmo que posteriormente o aspeto moral se tornasse útil para a propaganda nacional. As suas motivações seguiam uma estratégia tradicional. A ocupação hostil da Checoslováquia por parte da Alemanha revelou claramente a determinação de Hitler de dominar a Europa. Isso era uma ameaça ao *statu quo*, coisa que nem mesmo um britânico enfraquecido e conciliador podia tolerar. Hitler também subestimou a fúria de Chamberlain por ter sido tão amplamente enganado em Munique. Duff Cooper, que se tinha demitido por causa da traição aos checos, escreveu que Chamberlain «nunca tinha conhecido ninguém em Birmingham que se parecesse minimamente com Adolf Hitler... Nunca ninguém em Birmingham quebrara uma promessa feita ao presidente da Câmara».

As intenções de Hitler eram agora arrepiantemente claras. E o choque do seu pacto com Estaline, em agosto de 1939, confirmou que a Polónia seria a sua próxima vítima. «As fronteiras dos Estados», escreveu Hitler em *Mein Kampf*, «são feitas pelo homem e alteradas pelo homem.» Em retrospectiva, o ciclo de ressentimento desde o Tratado de Versalhes pode parecer ter tornado inevitável a eclosão de outra guerra mundial, mas, na História, nada é predestinado. O rescaldo da Primeira Guerra Mundial tinha certamente criado fronteiras instáveis e tensões em grande parte da Europa, mas não restam dúvidas de que Adolf Hitler foi o principal arquiteto desta nova e muito mais terrível conflagração que alastrou por todo o mundo e matou milhões de pessoas, incluindo, finalmente, ele próprio. Porém, num paradoxo intrigante, o primeiro embate da Segunda Guerra Mundial — aquele em que Yang Kyoungjong foi capturado pela primeira vez — começou no Extremo Oriente.